

## UM ACENO DE ESPERANÇA AOS JOVENS BRASILEIROS

*\*Autor Sebastião Vieira Maia Filho*



FONTE: <http://itafatos.com.br>

DEZEMBRO

2016

## UM ACENO DE ESPERANÇA AOS JOVENS BRASILEIROS



Por Sebastião Vieira

Arteducador pela Faculdade 7 de Setembro (FA7)

Pedagogo pela Universidade Federal do Ceará (UFC)

*“Eu acredito é na rapaziada  
Que segue em frente e segura o rojão  
Eu ponho fé é na fé da moçada  
Que não foge da fera, enfrenta o leão  
Eu vou à luta com essa juventude  
Que não corre da raia a troco de nada  
Eu vou no bloco dessa mocidade  
Que não tá na saudade e constrói  
A manhã desejada”.*

*(Gonzaguinha)*

### RESUMO:

Falo aqui da juventude contemporânea. Não trato das várias realidades que a cerca, procuro, apenas, atualizá-la frente a necessidade que esta possui de ter liberdade de expressão e direito à participação ativa nos destinos das comunidades existenciais onde ela vive. Por acreditar que toda sociedade possui sua rota de fuga, embora esta não seja percebida facilmente ou esteja correndo risco de ser reprimida pelos movimentos usurpadores do momento, penso que é chegado o momento de se quebrar paradigmas e estabelecer novas formas de vida e de valores. O Brasil atravessa nesse instante uma crise profunda. Hoje, mais do que nunca, nós brasileiros precisamos inaugurar um tempo para mudanças. Vejo nesse momento a necessidade de fazermos um aceno à nossa juventude, para que ela ocupe o papel de protagonista que lhe cabe dentro do processo de transformação da nação brasileira que está sendo usurpada. Chegou a hora de defendermos a ideia de um país mais igual para todos, de um projeto de nação mais humana, mais ética e mais justa.

### PALAVRAS CHAVE

Juventude, mudança, ética, liberdade, sociedade, crise, novo.

## INTRODUÇÃO

Vivemos hoje o tempo das novidades, o que é considerado “novo” dispõe, ordena e altera tudo o que nos envolve. Ele se une, se associa com o “moderno” e com tudo que se diz ser moda. Se é bom, então, é tido como pós-moderno. Contudo, não quero falar aqui sobre as realidades que dizem respeito a esse novo, tendo de recorrer a clichês que tanto prejudicam o exercício ativo do pensamento, principalmente, por estar falando neste artigo sobre questões que envolvem a juventude contemporânea.

Ainda que a pós-modernidade esteja aí para impulsionar as máquinas de desejo, lançando a juventude ao consumo doentio, penso que ainda é possível mudar de rota e transformar esse cenário sombrio em algo mais iluminado. Acredito que toda e qualquer sociedade possui suas rotas de fuga, mesmo que estas não sejam facilmente percebidas ou estejam correndo perigo de serem reprimidas pelos movimentos usurpadores que nos pressionam e nos submetem nesses dias de crise.

Não podemos negar que esse mecanismo repressor existe, e que é perverso, mas, o que não pode de modo algum ocorrer, é compreender isto, que se sabe sobre o atual estado de coisas, e usá-la como justificativa para conformismos e resignações. Não podemos aceitar esse fatalismo.

Não podemos nos deixar subjugar, curvar-se diante dos poderes instituídos e aceitar todo tipo de sujeição. Isto, ao meu ver, é uma atitude característica dos fracos de espírito, dos que se encontram profundamente enfermos para reagir e tentar modificar esse estágio deplorável de nossas vidas, que se encontram ameaçadas de destruição por forças reacionárias que atentaram e continuam atentando contra a nossa jovem democracia, para se tomar de assalto o poder constituído.

Penso que é chegada a hora de fazermos uma conversão na direção de construirmos caminhos diferentes, uma nova perspectiva, um novo paradigma de sociedade, daí a necessidade de fazermos um aceno de esperança à nossa juventude, para que esta ocupe o papel de protagonista do processo de

transformação social, política e econômica do nosso país, o Brasil, que passa por um processo de completa destruição de suas instituições democráticas.

Espero firmemente que a juventude brasileira, mais do que nunca, precisa se mostrar como vanguarda na luta pela resistência democrática. Penso que os nossos jovens precisam desconstruir urgentemente a ideia massificada pelos meios de comunicação de que eles são uma massa de manobra alienada, vítimas de uma compulsão consumista doentia, que não se preocupam com os destinos do seu país. A juventude precisa desconstruir a ideia de ela é, apenas, *“uma banda numa propaganda de refrigerante”*, como diz a letra da canção da banda Engenheiros do Havaí.

## **A JUVENTUDE, O NOVO E A PÓS-MODERNIDADE**

Quem estuda esse fenômeno do “novo” dentro de uma visão crítica de pós-modernidade é David Harvey, que no seu livro *Condição Pós-moderna*, publicado na França, em 1989, diz que: *“Será que chegou a hora de olhar para além do capitalismo, em direção a uma nova ordem social que nos permita viver num sistema responsável, justo e humano?”*.

O mundo hoje atravessa um tempo de mudanças, de crise, de morte ao tradicional, de abandono do que é velho e ultrapassado. Por conta disto, as sociedades mundiais buscam, ansiosamente, abraçar esse “novo”, para quebrar paradigmas e estabelecer novas formas de vida e de valores. Vivemos sim um tempo propício a sermos diferentes, de inventarmos diferenças e conviver, pacificamente, com elas.

Nos dias de hoje, onde se critica ferozmente os que pensam e vivem de forma diferente dos que se dizem ser “normais”, daqueles de visão uniforme, todos nós precisamos migrar urgentemente do “ser do contra”, para a realidade de “amar o contrário”, sob pena de continuarmos cometendo os mesmos erros, por insistirmos em caminhar pelos mesmos caminhos equivocados. Contudo, hoje, ao invés de nos lançarmos nessa aventura transformadora de consciências, nós insistimos na burrice de sermos *“neutros diante das diferenças”*.

Não é fácil estabelecermos uma definição plausível diante desse processo de transformação sociocultural que urge. Devemos, no entanto, termos em mente a verdade presente de que o desenvolvimento econômico e tecnológico ocasionou uma transformação social e a formação de uma nova mentalidade acelerada. É bem verdade que a modernidade nos lançou num esquecimento da tradição e do passado.

Contudo, isto não é novidade, pois, desde o século XVI e XVII temos passado por um processo de aniquilamento de qualquer vínculo com a tradição. Isto, por sua vez, fez com que nós fôssemos perdendo pouco-a-pouco os vínculos relacionais, os nossos referenciais mais significativos, até mesmo os mais vitais para a manutenção da nossa existência.

Alguns acontecimentos do século XVI e XVII foram decisivos para mudarem, definitivamente, o modo de pensar e agir humano. Um exemplo disto foi no campo educativo, onde as transformações contribuíram com a expansão das escolas e, conseqüentemente, a ampliação do número de alunos da instrução pública, o que exigiu, por sua parte, uma nova organização, meios, instrumentos e métodos de ensino.

No campo das Artes, no período da Arte Renascentista, Leonardo Da Vinci, em seus estudos de Anatomia, anunciou uma verdadeira revolução no pensamento científico. Essa descoberta revolucionária levou às várias modificações na estrutura lógica espaço-temporal, a qual abriu o caminho para a fundamentação de uma nova e consistente ética, onde o homem reinaria absoluto: *a ética antropocêntrica de base mecanicista*.

O fruto dessa descoberta revolucionária foi a *perspectiva*, que antecipou o *Cogito Cartesiano*, uma descoberta do domínio ontológico do pensamento, a qual foi usada pela primeira vez, de forma intencional por Leonardo Da Vinci, em um de seus trabalhos artísticos. Essa descoberta revolucionária provocou uma revolução na forma ver e compreender o mundo do homem daquela época.

Isto, por sua vez, fez com que a visão qualitativa da vida, concebida pelo filósofo Aristóteles, passasse a ser vista de forma quantitativa por René Descartes. O que se vê nesse exemplo é uma visão antiga suplantada por uma mais nova. Vemos aqui o surgimento de uma nova cultura, uma outra visão de

mundo. Nesse período, compreendido entre a transitoriedade da Baixa Idade Média e início da Moderna – séculos XVI e XVII – surge o “*Humanismo*”.

O Renascimento e a Revolução Científica que surgiram nesse período mudaram o mundo para sempre, desenvolvendo uma nova mentalidade, crítica, racional e ativa diante da passividade e tradicionalismo remanescentes do medievalismo. A partir desse momento, as transformações no mundo começariam a se acelerar e as estruturas político-sociais a sofrer forte abalo.

## **OUTROS TEXTOS, NOVOS CONTEXTOS**

A cientista social Regina Novaes, graduada em Ciências Sociais pela UFRJ (1973), mestre em Antropologia Social pela UFRJ (1979) e doutorada em Ciências Humanas (Antropologia Social) pela USP (1989), entende que a cultura é o lócus de constante invenção e reinvenção de formas e canais de comunicação entre diferentes gerações e instituições sociais.

Para essa autora as conquistas tecnológicas modificam a comunicação, a socialização, a “visão do tamanho do mundo” entre gerações. Contudo, ela não acredita que a visão da cultura antiga suplantada por uma mais nova, se coadunando e se conjugando com o “moderno”, como moda, faça do novo melhor, superior ao antigo.

Na verdade, Regina Novaes entende que a juventude, o novo que surge como moto contínuo das culturas, só se tornará um novo de fato, se este se fizer um ator social engajado, cuja presença venha a fazer diferença na cena pública, quando essa presença significar uma mudança efetiva nos destinos da sociedade na qual vivem e na vida da população.

Para essa teórica do social, o novo, capitaneado pela juventude, surge como uma nova cultura, quando sua força política potencial resultar na criação de um novo paradigma – fazendo com que ela pense sobre suas vulnerabilidades e potencialidades – que encontre ressonância perante a opinião pública nacional, os governos e o Estado. Nas suas palavras:

*“Em que pesem os esforços de muitos, há um longo caminho a percorrer para a efetivação dos “direitos da juventude”. Na sociedade e nos governos, ainda são vigentes muitos (pré)conceitos e projeções sobre “a juventude” que dificultam o (re)conhecimento das atuais vulnerabilidades e potencialidades dos jovens”. (Le Monde: Diplomatic Brasil - <https://www.diplomatique.org.br/print.php?tipo=ar&id=1285>)*

O professor do Colégio Internacional de Filosofia em Paris, Anselm Jappe, em entrevista especial ao Blog da Boitempo, ao falar do cenário político brasileiro atual nos diz que a crise política no Brasil é um sintoma da impossibilidade deste de lutar contra o capitalismo com seus próprios meios.

Acompanhando de perto a conjuntura política, econômica e social brasileira frente às dinâmicas do capitalismo global de hoje, ele afirma que o atual quadro de desrespeito à nossa democracia e de aprofundamento da crise “tem efetivamente ares de um golpe que traz à tona tempos sombrios”.

Jappe diz isto porque ele acredita que o capitalismo global, que se alimenta de grandes lucros, de acumulações consideráveis de capital, concentradas nas mãos de poucos, estão com seus agentes atuando fortemente dentro do Brasil para conseguir preservar seus privilégios e reservar para eles os grandes negócios e disseminar sua ideologia de dominação dos meios de produção internacionais e massificação da sua cultura de consumo progressiva.

O mundo da mercadoria encontra-se hierarquizado. Há uma dominação e controle excessivos sobre o trabalho. Essa dominação vai desde os ofícios mais humildes: garis, pedreiros, vendedores, até ofícios com mais destaque social, como engenheiro, médico, negociante. A crise que vivemos hoje no Brasil e também no mundo está afetando a todos, e isto é obra da supervalorização do mercado de capitais em detrimento do mercado de trabalho, sobre a vida das pessoas que produzem as riquezas desse mundo do consumo.

A especialização, a excessiva divisão do trabalho, a flexibilização das leis e precarização das políticas para os trabalhadores, afeta a toda sociedade, excetuando-se a cúpula, os negociantes capitalistas, que não se limitam a uma única atividade que produza um bem de consumo ou serviço. Caso percam numa negociação financeira, ganham noutra. Eles nunca perdem nada.

É inequívoco que a visão de que o capitalismo sempre precisou acumular riquezas para expandir-se é verdadeira, pois o epistolário comercial e as memórias das câmaras de comércio estão aí para nos mostrar isto. Pois bem, para Jappe é sempre assim, os capitais procuram sempre, em todos os lugares do mundo, oportunidades de investimento, e, para tanto, os capitalistas fazem de tudo para conseguir esse objetivo. A crise aqui no Brasil está aí para mostrar a voracidade deles.

Contudo, para o filósofo e ensaísta alemão, essa crise, ao mesmo tempo que traz efeitos danosos para a sociedade brasileira, mais especificamente para os jovens, ela reúne, ao mesmo tempo, os melhores motivos para se retomar uma verdadeira “antipolítica” – termo que longe de significar a renúncia da ação pública e coletiva, descreve um ato de superação do que atualmente chamamos de “política” ancorado em uma recusa da lógica econômica que a enseja.

Ao fazer a denúncia de que “*as camadas mais reacionárias do Brasil retomaram o seu antigo poder*”, Anselm Jappe explica que:

*"Em todo o mundo, a crise ressuscitou os piores reflexos do passado, em particular o racismo, o antissemitismo e o desprezo pelos pobres. E no Brasil, ressurgiram as atitudes herdadas de uma sociedade escravocrata. Não é o custo – bastante moderado – do Bolsa Família que escandaliza, mas a ideia de que os pobres possam ter direitos". (<https://blogdaboitempo.com.br/2016/08/19>).*

Mas, porque a crise afeta mais a juventude? Esta é uma pergunta que não pode deixar de ser feita diante dos argumentos acerca da crise ditos até aqui. Pois bem, os jovens são mais afetados devido à falta de oportunidades, ou, então, pela desigualdade como elas são distribuídas. Neste sentido, a maioria dos jovens brasileiros não dispõe dos suportes necessários para que sigam com tranquilidade por esta etapa da vida e para que ampliem seus graus de autonomia e independência rumo à vida adulta.

Sobre isto, Regina Novaes diz que é preciso lembrar que jovens moradores das chamadas periferias urbanas - e mesmo os jovens conectados que já partilham de valores, linguagem e estilos globais contemporâneos - têm pouco acesso a



lugares e equipamentos de cultura e lazer em suas cidades. Isso porque a “cultura” se concentra em regiões que estão fora de seu alcance. Seja por não terem como se locomover e como pagar entradas seja por desconhecimento.

## **UMA NOVA PERSPECTIVA SURGE DIANTE DO CAOS BRASILEIRO**

Em grande parte do mundo o jovem é sempre o ator principal em ações que dizem respeito a problemas concernentes ao bem comum, seja na escola, nos grupos sociais, nas comunidades de bairro, ou na sociedade de maneira geral. Nesse tipo de ação há a influência do jovem na conjuntura social para resolver problemas reais. Aqui no Brasil isso não é diferente, pois a nossa juventude diante da falta de atenção às suas demandas, por parte do poder público, ela também se coloca para a luta.

Mas afinal, diante das crises que assolam a humanidade onde ficam os jovens? No caso do Brasil, o que essa crise está afetando a nossa juventude – estudantes ou não – de todas as classes sociais? Essas e outras questões exigem da nossa juventude, novas respostas, novas escolhas e novas formas de atuação no meio social, pois, num momento de crise como esse que vivemos aqui no Brasil, as oportunidades se reduzem, principalmente para os jovens.

Apesar de todos serem afetados pela crise, são os jovens trabalhadores, entre 18 e 24 anos, os mais afetados pelo desemprego. Eles são os primeiros a serem mandados embora quando há cortes de despesas nas empresas, isto, por terem menos experiência, e, pelo mesmo motivo, não serem escolhidos para novas vagas de emprego. O mercado de trabalho, devido esses baixos níveis de oportunidades para os jovens, eles já são chamados de a “geração perdida”.

Diante desse imenso problema, o que a juventude deve fazer para conquistar um nível social melhor para ter acesso a lugares e equipamentos de cultura e lazer em suas cidades se as oportunidades de educação e trabalho estão ficando cada vez mais escassos nesse país golpeado, lesado em sua vitalidade democrática? O que é possível fazer de novo num país onde uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC 55) visa congelar o teto dos gastos públicos por 20

anos, colocando na geladeira os sonhos de uma sociedade inteira de ter educação, saúde, trabalho para todos, principalmente, para os jovens?

O que fazer diante dessa tragédia anunciada? Se conformar e se refugiar em casa, se jogando num sofá diante de uma TV e videogame? Acredito que esta não seja a melhor alternativa. O papa Francisco também acha que não, é tanto que ele, na cerimônia oficial da JMJ, em julho de 2016 na Cracóvia-Polônia, pediu aos jovens que se rebelem para questionar, sonhar, e evitar os *"caminhos obscuros que roubam o melhor de vocês"*.

O papa disse nesse evento que *"o tempo que estamos vivendo hoje não necessita de jovens-sofá" [...]* *"A verdade é outra: queridos jovens, não viemos a este mundo para vegetar, para passá-la comodamente, para fazer da vida um sofá no qual adormecemos. Ao contrário, viemos para deixar uma marca"*. O papa criticou, ainda, os chamados "couch potatoes", termo usado pelos americanos para se referir aos sedentários, que passam várias horas do dia deitados no sofá diante da televisão.

Francisco se referiu, assim, aos que "confundem felicidade com um sofá", que passam horas na frente do computador, "boquiabertos", vivendo o que ele chamou de "sofá-felicidade". Por isso, recordou o Santo Padre aos jovens, que estamos aqui reunidos para nos ajudarmos uns aos outros, porque não queremos deixar que nos roubem o melhor de nós mesmos, não queremos permitir que nos roubem as energias, a alegria, os sonhos com falsas ilusões.

Para tanto, lembrou o papa que a saída para que isto não ocorra, ou seja, para que os jovens não sejam sequestrados em suas subjetividades, e levados por caminhos tortuosos, é necessário educá-los para o diálogo como alternativa à intolerância e ao relativismo. Diante do relativismo empobrecedor de tipo "tudo vale", é preciso que haja educadores comprometidos com suas verdades e desejosos de transmiti-las a seus alunos, pois, para Francisco, a verdade não se impõe de outra maneira do que pela força da mesma verdade.

Segundo o papa Francisco somente o diálogo é capaz de neutralizar todos os tipos de intolerância e de frieza nas relações virtuais. Sim, o que nos diz o papa sobre a importância do diálogo para a construção de uma vida integral e

verdadeira é necessário conectar-se aos outros, sem escolher contatos e muito menos criar relações imaginativas.

## **UM NOVO PARADIGMA DE BRASIL ATRAVÉS DO OLHAR DE ANA JÚLIA**

Recentemente aqui no Brasil, mais precisamente no Paraná, surgiu um movimento estudantil que vai na direção das palavras do papa Francisco, que pediu para os jovens se rebelarem diante das injustiças do mundo. Movimento, este, organizados por estudantes secundaristas que se mobilizaram contra a PEC 241, hoje PEC 55, que estabelece um teto de gastos e limita o orçamento para Educação, e contra a reforma do Ensino Médio, anunciada por Michel Temer no dia 26 de outubro de 2016.

Juntamente com esse movimento estudantil surgiu uma protagonista de 16 anos, mas, com uma compreensão política e cidadã de pessoa adulta. O nome dela? Ana Júlia, aluna secundarista de uma escola pública de Curitiba que falou contra o desmonte da educação brasileira. Emocionada e com a voz embargada ela apresentou as bandeiras que o movimento defende. Diante dos parlamentares do Paraná ela demonstrou o elevado grau de consciência, politização e seriedade dos jovens que fazem parte dos movimentos democráticos.

Apesar de seus tenros 16 anos de idade, Ana Júlia deu uma aula de ética, democracia, política e cidadania a toda sociedade brasileira e mundial, mais precisamente, a classe política corrupta, corporativista e reacionária, que fazem de suas legislaturas um verdadeiro balcão de negócios.

Essa atuação política de Ana Júlia nos atualiza Paulo Freire que na sua juventude, engajado no trabalho social, via esperança para os excluídos e marginalizados da sociedade. Quando jovem, Freire sempre encontrava uma saída para as dificuldades, sempre achava algo novo para fazer em prol do povo simples e agregar como aprendizado à sua experiência de vida.

A sensibilidade desse autor no trato das questões sociais, mais especificamente da educação e das condições econômicas e políticas dos excluídos da nossa sociedade, nos permite olhar hoje para a defesa da educação, que Ana Júlia faz

tão bem, e acenar esperançoso para a nossa juventude mostrando-a que é possível sim transformar a nossa sociedade para melhor, como assim pensava e buscava Freire quando andava pelos territórios inóspitos de Recife, lugares onde vive a maioria dos trabalhadores brasileiros, os quais são visitados pelos políticos apenas nos anos de eleições:

*Enquanto andávamos pelas ruas daquele mundo maltratado e ofendido eu ia me lembrando de experiências de minha juventude em outras favelas de Olinda ou do Recife, dos meus diálogos com favelados e favelados de alma rasgada. Tropeçando na dor humana, nós nos perguntávamos em torno de um sem número de problemas. Que fazer, enquanto educadores, trabalhando num contexto assim? Há mesmo o que fazer? Como fazer o que fazer? (FREIRE, 1996, p. 44).*

Seguindo essa trilha do educador Paulo Freire de defender a educação e tê-la como um elemento significativo para a compreensão da vida e do mundo, Ana Júlia mostrou claramente ao Brasil que o movimento secundarista não é acéfalo. Contrariamente ao que pensa o presidente ilegítimo Michel Temer, ela mostrou que os estudantes brasileiros sabem muito mais do que o simples significado do que seja uma PEC. Ela demonstrou com a sua visão ampla sobre as questões do nosso país que jamais podemos subestimar o conhecimento e a compreensão de vida e de mundo de quem quer seja:

*“Nós sabemos pelo que nós estamos lutando. A nossa única bandeira é a educação. Somos um movimento apartidário. Nós nos preocupamos com a sociedade e com o futuro do país e é por isso que nós ocupamos as NOSSAS escolas”.*  
(<https://www.buzzfeed.com>)

A história brasileira está aí para nos mostrar que foram os jovens estudantes, nas ruas em 1964, que ajudou a população brasileira a defender a democracia contra a ditadura e o regime de exceção. Que foi também essa juventude que voltou às ruas em 1992 para dá um basta à corrupção e aos desmandos de um presidente narcisista, deslumbrado com o poder, até depô-lo do cargo. Enfim, foi

a juventude engajada às lutas populares, nas ruas, que sempre tem ajudado o nosso país a superar os seus problemas, as suas crises.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Hoje, são os jovens estudantes novamente que estão nos ensinando que é possível transformar a realidade a partir dos sonhos. São os jovens que estão nas ruas mostrando a sociedade brasileira que não chegamos ao fim, que o sonho não acabou. São os jovens que estão ocupando as escolas brasileiras para defender a educação pública do terrível desmonte patrocinado por um governo golpista, que pretende instaurar um apartheid educacional no Brasil, instituindo aqui escolas para pobres e escolas para ricos, através da PEC 55, que congela os gastos públicos por 20 anos.

O Brasil atravessa hoje uma crise sem precedentes na sua história, os sucessivos ataques aos seguimentos mais pobres da sociedade, aos estudantes, aos trabalhadores, as mulheres, os idosos e outros seguimentos sociais poderá nos conduzir a um terrível retrocesso civilizacional capaz de retirar de uma geração inteira o acesso a oportunidade de educação, cultura e trabalho.

Que a voz do papa Francisco ecoe nos quatro cantos do Brasil e desperte muitas Anas Júlias e tantos outros jovens estudantes. Que estes se rebelem contra as injustiças sociais que lhes roubam os sonhos e ocupem as ruas, as praças e escolas para fazer valer a democracia, a livre expressão e a liberdade de manifestar-se, de dizer aquilo que precisa ser dito. Que a voz de Francisco, esse sacerdote à frente de seu tempo, seja um chamamento à juventude para a construção de um mundo mais humano, mais justo e mais igual. Um mundo melhor para todos. Vamos à luta galera!

## **REFERÊNCIAS**

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia. Saberes Necessários a Prática Educativa. 1996.

HARVEY, David. Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 6 ed. São Paulo: Loyola, 1996.

<https://www.diplomatique.org.br/print.php?tipo=ar&id=1285>

<https://blogdaboitempo.com.br/2016/08/19>

[https://www.buzzfeed.com/alexandreorrico/discurso-ana-julia-sobre-ocupacoes?utm\\_term=.smZZPKOew#.lyWApD2gZ](https://www.buzzfeed.com/alexandreorrico/discurso-ana-julia-sobre-ocupacoes?utm_term=.smZZPKOew#.lyWApD2gZ)